

# FÉ, PODER E PROPAGAÇÃO: A IGREJA CATÓLICA NA IDADE MÉDIA E SUAS REPRESENTAÇÕES NO TEATRO DE GIL VICENTE

*FAITH, POWER AND PROPAGATION: THE CATHOLIC CHURCH IN THE MIDDLE AGES AND THEIR REPRESENTATIONS IN THE THEATER OF GIL VICENTE*

**Francisco Wellington Rodrigues Lima<sup>1</sup>**

Doutorando em Literatura Comparada/PPGLL-UFC

**Resumo:** A Idade Média, período marcado pelo sistema feudal e pelo domínio da Igreja Católica, foi uma época de conflitos ideológicos, por conta do domínio e do poder dos eclesiásticos e dos senhores feudais sobre os servos, e espirituais, uma vez que o homem se dividia entre a Fé e a Razão. Assim, conforme preconiza os dogmas da Igreja Católica, todas as coisas eram sagradas: o mundo, a natureza, o corpo humano. O desejo da nobreza, do clero e dos vassallos era aproximar-se do Reino Celeste através da palavra divina difundida pelo cristianismo da época. O Céu, de acordo com o pensamento cristão medieval, era naturalmente associado a Deus - local excelso onde viviam o Criador e os Anjos. Para os fiéis cristãos, o mundo terreno era a moradia dos homens e o lugar das tentações. O Inferno, na mentalidade do povo cristão medieval, seria o lugar em que as almas más pagavam seus pecados; um lugar simbólico, sombrio, quente, repleto de dor e de sofrimento; era, na visão de

**Abstract:** The Middle Ages, a period marked by the feudal system and by the domination of the Catholic Church, was a time of ideological conflicts, on account of the domination and power of ecclesiastics and feudal lords over serfs, and spiritual, since man was divided between Faith and Reason. Thus, as the dogmas of the Catholic Church preach, all things were sacred: the world, nature, the human body. The desire of the nobility, the clergy and the vassals was to approach the Celestial Kingdom through the divine word spread by the Christianity of the time. Heaven, according to medieval Christian thought, was naturally associated with God - the loftiest place where the Creator and the Angels lived. For Christian believers, the earthly world was the abode of men and the place of temptations. Hell, in the mentality of the medieval Christian people, would be the place where evil souls paid their sins; a symbolic place, dark, hot, full of pain and suffering; was, in the eyes of

<sup>1</sup> Francisco Wellington Rodrigues Lima é Doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Mestre em Literatura comparada (UFC); Especialista em Estudos Clássicos e Graduado em Letras pela UFC. Atualmente é Bolsista FUNCAP. É membro do Grupo GERLIC- Grupo de Estudos Residuais em Literatura e Cultura. E-mail: wellrodrigues2012@yahoo.com.br.

muitos cristãos, domicílio do Diabo, lugar das trevas e de tudo aquilo que se ligava ao Mal. Nesse contexto conturbado de mudanças culturais e ideológicas, surgiu na Europa o teatro religioso, tornando-se a mais importante e ativa criação da literatura religiosa da época. Nele, o sagrado e o profano ganharam notoriedade. O teatro medieval adentrou nos templos religiosos, e as personagens, a maioria litúrgicas, habitaram a mente do espectador medieval. Com o tempo, as peças teatrais saíram das igrejas e ganharam os espaços das praças, abrangendo, inclusive, as demais classes sociais da Europa Medieval: a nobreza, o clero e o povo simples (camponeses). No fim da Idade Média, século XV-XVI, em Portugal, surge Gil Vicente, considerado o maior poeta dramático português de todos os tempos, o pai do teatro lusitano. Diante do exposto, ressaltamos que o trabalho aqui proposto consiste em analisar a representação da Igreja – Fé e Poder -, bem como a propagação dos dogmas e imagens criados e difundidos pelo catolicismo durante A Idade Média e suas possíveis representações no Teatro Medieval Vicentino, tendo como base obras historiográficas que ressaltam o nascimento e a projeção do catolicismo na Idade Média, bem como as obras de Gil Vicente, que melhor representou, criticou e ressaltou a fé, o poder e a propagação dos ideais da Igreja Católica no medievo.

**Palavras-chave:** Igreja Católica – Medievo – Gil Vicente.

many Christians, the domicile of the Devil, the place of darkness and all that was linked to Evil. In this troubled context of cultural and ideological changes, religious theater emerged in Europe, becoming the most important and active creation of religious literature of the time. In him, the sacred and the profane gained notoriety. Medieval theater entered the religious temples, and the characters, most of them liturgical, inhabited the mind of the medieval spectator. Over time, the plays left the churches and won the spaces of the squares, including the other social classes of Medieval Europe: the nobility, the clergy and the simple people (peasants). Gil Vicente, considered the greatest Portuguese poet of all time, was the father of the Portuguese theater. In view of the above, we emphasize that the work proposed here is to analyze the representation of the Church - Faith and Power - as well as the propagation of the dogmas and images created and spread by Catholicism during the Middle Ages and its possible representations in the Vicentine Medieval Theater, as a basis for historiographical works that highlight the birth and projection of Catholicism in the Middle Ages, as well as the works of Gil Vicente, who best represented, criticized and emphasized the faith, power and propagation of the ideals of the Catholic Church in the Middle Ages.

**Keywords:** Catholic Church – Medieval – Gil Vicente.

## Introdução

A Idade Média, conforme nos aponta Le Goff (2013), na obra intitulada *Uma Longa Idade Média*, foi um período complexo da história da humanidade. O “Período das Trevas”, denominação complexa que perpetuou durante muito tempo nos livros de história, passou a significar, depois de muito dialogismo entre os pesquisadores do medievo, um período de descobertas, de “renascimentos”, de progressão do homem, da sociedade e das cidades; do macrocosmo político, econômico e religioso; um período de intensa produção intelectual e artístico-cultural; da propagação da fé, da Cristandade e da Igreja Católica; do combate aos pecados mundanos e dos desejos corporais; das Cruzadas e da guerra justa; da violência; da verdade e da justiça divina; um período dividido entre a fé, o medo, o sagrado e o profano; um período em que a Igreja Católica difundia os seus dogmas, bem como as inúmeras representações simbólicas do Céu, do Inferno, do Purgatório; de Deus, do Diabo, dos Anjos, Santos e Demônios; da luta entre o Bem e o Mal; um período marcado pelo desenvolvimento das línguas vernáculas; pelas grandes navegações; pela descoberta de outros mundos; outras culturas etc<sup>2</sup>. Na visão de Le Goff (2013), foi um longo período<sup>3</sup>; uma longa Idade Média; “uma longa duração – não se trata de um tempo muito longo, mas de um ritmo temporal lentíssimo – é o tempo de mudança (...) das profundezas das sociedades históricas, tanto em sua evolução econômica como em sua evolução mental”. (LE GOFF, 2013, p. 11). Ainda conforme Le Goff, a Idade Média foi uma “mistura de êxitos e de derrotas, de felicidades e de dramas”. (LE GOFF, 2013, p. 53).

---

<sup>2</sup> Segundo os estudos de Le Goff (2013), A Idade Média se situa entre uma lenta mutação, que judiciosamente de algum tempo para cá se chama de “Antiguidade Tardia”, denominação melhor do que Alta Idade Média (aquela que começa mais tarde, por volta dos séculos VI-VIII), e uma revolução no fim do século XVIII. Entretanto, como a história conserva sempre uma parte de continuidade, fragmentos de Idade Média sobrevivem durante o século XIX. Contudo, há, entretanto, no seio da Idade Média uma “bela Idade Média”, período correspondente ao grande impulso do Ocidente entre o século XI e o século XIV, e mais particularmente, durante os anos de 1150-1250. Já a longa Idade Média refere-se aos tempos modernos; tempo da Reforma, da Revolução Industrial, da ideia de progresso e ciência, Revolução Francesa; tudo isso constitui o painel do terceiro momento da longa Idade Média. (LE GOFF, Jacques. *Uma Longa Idade Média*. Trad.: Marcos de Castro. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 14-15.

<sup>3</sup> A Idade Média teve início com a queda institucional do Império Romano do Ocidente, em 476, e como o seu fim a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453, ou a descoberta da América por Cristóvão Colombo em 1492. (LE GOFF, Jacques. *Uma Longa Idade Média*. Trad.: Marcos de Castro. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 12).

No entanto, cada momento da vida na Idade Média, na concepção de Johan Huizinga (2015), era cercado de formas enfáticas e expressivas, influenciados, claro, por uma religiosidade latente, como foi o Cristianismo. Durante boa parte da Idade Média, em especial a Idade Média Central e a Baixa Idade Média, quase todos os elementos da vida neste período mostravam-se abertamente: a peste, a morte, as calamidades; os grandes fatos da vida, as catástrofes, o nascimento, o matrimônio, o enterro, o cemitério; a Igreja, as procissões, os julgamentos, as transações comerciais; a fé, a justiça, as aventuras do cavaleiro, o amor, a cidade e o campo; o real, o imaginário, os fantasmas, os vivos e os mortos, os santos; a Igreja e o cisma; os papas e os reis; o fim do mundo, o reino das trevas, o paraíso e homem. "Tudo o que acontecia na vida era dotado de contornos bem mais nítidos que os de hoje". (HUIZINGA, 2015, p. 11).

Durante a Idade Média, muito se pensou sobre a Igreja, a Fé e a Propagação dos Dogmas por ela difundidos. Neste sentido, os artistas, em especial aqueles que trabalhavam com o fazer teatral, foram responsáveis por representar, em suas obras, temas importantes que alimentaram o imaginário cristão por séculos, como a representação do Diabo, de Deus, da Virgem, dos Anjos e Demônios; do Inferno, do Paraíso e do Purgatório; de Alegorias que representavam o certo e o errado; o Bem e o Mal.

O teatro medieval foi a mais importante criação literária conduzida pela Igreja Cristã da época. Na visão Margot Berthold (2004), a dramatização, durante a Idade Média, foi crescente. O ritual da missa, enriquecido com reflexões sobre textos retirados da *Bíblia*, gradativamente, ganhou uma atitude narrativa mais teatral. O ponto de partida era a celebração da Páscoa, a reprodução em atos da crucificação e da ressurreição, representando, simbolicamente, a ordenação da vitória da luz divina sobre os poderes das trevas. Com o passar do tempo, os dramas litúrgicos deixaram de ser representados exclusivamente por clérigos, na Igreja e no claustro, e passaram a ser representados também por cidadãos comuns da cidade. Além disso, a peça teatral deixou de ser um prolongamento do ofício religioso e ganhou outros rumos,

tornando-se semi-litúrgicos. Também abandonou, aos poucos, o latim e se difundiu com as línguas nacionais, fato que enriqueceu a história do teatro medieval. (BERTHOLD, 2004).

Do século VIII ao XIII, os acréscimos subseqüentes à representação cênica seguiam à risca os textos do Evangelho. Os temas das Escrituras, como a morte, o julgamento da alma e a salvação divina, dentre outros, encenados na época, foram alargados e enriquecidos, quase sempre com muito realismo, difundindo as verdades da fé e o espírito cristão medieval. Ainda, por volta do século X, personagens importantes do mundo bíblico chegaram à cena, de forma bem simples, dentre eles, a figura de Jesus Cristo, Pedro, João, Maria e Madalena, Anjos; representando a Glória de Deus, o arrependimento, a salvação divina etc. (Berthold, 2004). Em meados do século XI, outros benefícios foram atribuídos ao teatro. Por volta do século XIII, Cristo aparece à cena como pessoa que fala e atua:

O Século XIII trouxe consigo duas inovações de grande importância para o desenvolvimento do teatro ocidental. Cristo, que até então havia estado presente apenas como "símbolo", agora aparece em pessoa como parceiro que fala e atua, e a linguagem vernácula traz vida aos rígidos textos litúrgicos. A cerimônia dramática ampliou-se para representação adaptada livremente. (BERTHOLD, 2004, p. 196).

A partir do século XIII ao XV, o teatro medieval europeu chegou ao seu apogeu. Os espetáculos de cunho religiosos enfatizavam os eventos bíblicos aos olhos do espectador de forma intensa e miraculosa. O palco medieval desenvolvia-se atraindo uma multidão maior às representações cênicas. Durante esse período, a representação dos elementos significativos da morte, do julgamento e da salvação - o Paraíso e o Inferno, Satã e os Bem-Aventurados-, foram didaticamente colocados em cena e confrontados no teatro. (Berthold, 2004). A descida de Cristo ao Inferno, por exemplo, estabeleceu uma ponte entre a Redenção do Novo Testamento e a história da Criação no Velho Testamento e, assim, o teatro cristão medieval passou a abranger as divergentes formas de representação, provocando uma série de imagens sobre o tema da morte, do julgamento e da salvação divina, trazendo à cena, valores

e personagens que contribuíram para o fortalecimento da Igreja Cristã e a mentalidade do povo dessa época, pois as imagens representativas do Diabo e do Inferno; de Deus e do Céu; do Purgatório; da Luz Divina; da Virgem Maria; do Espírito Santo ganharam espaço em cena. (Berthold, 2004).

Entretanto, nenhuma outra concepção bíblica fascinou tanto os artistas medievais quanto as imagens do Inferno e a do Paraíso; o contraste entre a danação e a salvação. Dramatizações teatrais competiam com a imaginação de escultores, pintores, entalhadores e gravadores. Logo, a simbolização do Inferno e do Reino Celeste iria para bem mais além do batente do pórtico da Igreja. O Inferno, por exemplo, convertia-se nas mandíbulas abertas de uma fera, soltando fumaça e fogo; ou interpretada literalmente como a própria boca aberta do Inferno, mostrando entre suas presas uma multidão de demônios horríveis e grotescos que maltratam as pobres almas com tridentes e correntes de ferro. O Céu era o lugar da salvação, das almas boas, da luz. (Berthold, 2004).

O teatro medieval dividiu-se em duas grandes categorias: o de caráter religioso (o mistério, também chamado de *jeu*, auto ou paixão; o milagre, que relata as lendas e as vidas dos santos; a moralidade, que serve de continuação aos mistérios) e o de caráter profano (o monólogo dramático, o sermão jocoso, a farsa, a *sottie* e o *entremez*). Conforme assinala Lígia Vassalo (1993, p. 38-39), algumas características importantes, marcaram a história do teatro na Idade Média. Dentre as quais podemos citar:

1. O teatro medieval é eminentemente épico: deseja narrar tudo, desde a Criação do Mundo até o Juízo Final;
2. Desconhecem-se as unidades de lugar, tempo, ação e espaço;
3. Há misturas de tons e estilos que nos conduz a uma visão própria do cristianismo medieval;
4. Visa difundir a fé cristã, uma vez que a Igreja Católica disseminou, por toda a Europa medieval, imagens representativas da morte, do julgamento e da

salvação, criando assim um imaginário complexo sobre o Bem e o Mal; sobre a fé em Deus e na salvação da alma;

5. Há uma oposição entre o sagrado e o profano. (BERTHOLD, 2004, p. 38-39)

Contudo, o teatro religioso e profano que predominou durante quase toda a Idade Média, deparou-se, por volta do século XVI, com modificações profundas no âmbito social, ideológico, econômico, cultural e religioso introduzidos pelo Renascimento. Dessa forma, a própria Igreja descobriu, depois de muitas negações, o teatro como um veículo importante para disseminar sua ideologia de obediência e submissão aos valores culturais por ela constituídos. O teatro religioso da época incorporou, assim como o Catolicismo, fragmentos do paganismo, ao assimilar crenças e ritos primitivos, alguns dos quais se realizavam no interior das igrejas (como a Festa dos Loucos e a Festa do Burro). Com o tempo, as peças teatrais deixaram os altares das igrejas e ganharam os espaços das praças e dos palácios na Europa Medieval, difundindo a Fé, relatando a vida de Jesus Cristo, a Criação do Mundo, o Juízo Final, a vida milagrosa dos Santos e o combate contra o Mal e seu representante maior, o Diabo. Assim, o teatro medieval tornou-se popular e importante para a assimilação de toda mentalidade construída durante a Idade Média. Sobre o assunto, Lígia Vassalo afirma:

Este teatro religioso realiza uma perfeita integração entre emissor e receptor, pois todos os participantes pertencem à mesma comunidade, não só o público como os executantes – artistas amadores leigos, provenientes de vários grupos sociais, pertencentes às associações profissionais das cidades, encarregados das montagens das peças. (VASSALO, 1983, p. 39-40)

O apogeu do teatro medieval, como vimos anteriormente, situou-se entre os séculos XIII e XV, iniciando-se na França. As primeiras peças que surgiram por volta do século XII têm o nome de *jeux*, autos. Estes foram se diferenciando e se multiplicando em tipos a partir da Guerra dos Cem Anos.

Porém, voltemos nesse momento nossa atenção para o fim da Idade Média, mais precisamente, para Portugal, da segunda metade do século XV para a primeira metade do século XVI, período em que se enquadra o nascimento de um dos maiores poetas da dramaturgia portuguesa, Gil Vicente (1460 – 1536 ?)<sup>4</sup> e, assim, compreendermos um pouco a história do teatro em Portugal e a atuação desse dramaturgo no cenário teatral lusitano.

Gil Vicente é considerado, embora muitos contestem, o maior poeta dramático de todos os tempos; o “pai” do teatro humanista português. Para Stephen Reckert (1983), ele foi o maior dramaturgo que surgiu na Europa nesse período: “um poeta lírico sem igual na sua própria língua entre el-rei D. Dinis e Camões, ou na Castelhana antes de Garcilasso”. (RECKERT, 1983, p. 15).

Na concepção de Antônio José Saraiva (1981), Gil Vicente “criou o seu teatro praticamente do nada e deixou atrás de si um vácuo”. Essa afirmativa nos leva a crer que o teatro vicentino foi algo completo e superior a qualquer outra forma do mesmo gênero dentro de Portugal. Ainda segundo o autor, “o mais que se pode provar é a existência fragmentária de representações litúrgicas, paródias, espetáculos mudos de corte que estão a uma distância infinita do teatro acabado, adulto, completo, que é o de Gil Vicente”. (SARAIVA, 1981, p. 21).

No tocante a produção dramatúrgica de Gil Vicente, é interessante reiterar que, segundo Oscar de Pratt (1931), a “palpitação febrilante” da época não conseguiu perturbar o ideal estético de Gil Vicente. Ele, sem dúvida, viveu o conflito interno comum a seus contemporâneos por conta da transição da Idade Média para a Idade Moderna. Conheceu, de forma profunda, a cultura renascentista e teve um vasto conhecimento das doutrinas empregadas pelo Cristianismo durante a Idade Média.

De acordo com os autores Reis Brasil (1965), Antônio José Saraiva (1981), Duarte Ivo Cruz (1983), Luis Francisco Rebello (1967) e Luciana Stegagno Picchio (1968), Gil Vicente criticou, em sua obra, de forma impiedosa, toda a sociedade de

---

<sup>4</sup> A interrogação indica uma incerteza da data de nascimento de Gil Vicente. Essa é uma data aproximada da trajetória de vida do dramaturgo português.



seu tempo, desde os membros das mais altas classes sociais até os das mais baixas. Contudo, as personagens por ele criadas não se sobressaem como indivíduos. São, sobretudo, tipos que ilustram a sociedade da época, com suas aspirações, seus vícios e seus dramas. Esses tipos utilizados por Gil Vicente raramente aparecem identificados pelo nome: quase sempre são designados pela ocupação exercida (sapateiro, onzeneiro, ama, clérigo, frade, bispo, alcoviteira etc). Ainda com relação às personagens, pode-se dizer que elas simbolizavam vários comportamentos humanos. Os membros da Igreja eram alvos constantes da crítica vicentina. É importante observar, no entanto, o espírito religioso presente na formação do autor, que jamais criticou as instituições, os dogmas ou as hierarquias da religião, e sim os indivíduos que se corrompiam. Acreditando na função moralizadora do teatro, Gil Vicente colocou em cena fatos e situações que revelavam a degradação dos costumes, a imoralidade dos frades, a corrupção no seio da família, a imperícia dos médicos, as práticas de feitiçaria e o abandono do campo para se entregar às aventuras do mar. Sobre o teatro vicentino e às duras críticas do autor à sociedade da época, inclusive à Igreja, Reis Brasil afirma:

Gil Vicente criou o teatro social ou teatro socializante, em que coubessem todas as aspirações do homem em todas as circunstâncias da vida. Como o clero era o grande culpado da situação do povo, como o clero era o grande transviado, Gil Vicente não perdoa. Aproveita todos os momentos para fustigar, pois era preciso dignificar a religião, varrendo os templos que estavam cheios de vendilhões ou comerciantes, inteiramente voltados ao culto do bezerro de ouro ou ao culto da mais feroz e soez sensualidade. (...) Mestre Gil fustiga-os, pois sabe que nada pior pode haver para um povo do que a corrupção dos seus mentores religiosos. Se estes vierem a ser o que devem, então esse povo estará salvo, a civilização tomará novos rumos. (BRASIL, 1965, p. 18-19)

O conjunto da obra dramática de Gil Vicente é bastante complexo e, ao mesmo tempo, simples sob o ponto de vista de que o autor deu margem à criação e

ao desenvolvimento do fazer teatral em Portugal<sup>5</sup>. Nesse olhar superficial sobre a obra do dramaturgo, podemos perceber, de acordo com a classificação das obras vicentinas e o título de cada uma delas, uma variedade temática que não ficaram fora do seu discurso, como a temática da tradição Clássica e Medieval e a temática dos valores culturais do seu povo.

Nesse grande processo de criação, o poeta deu vida a personagens simples de seu tempo, como parvos, camponeses, criados, velhas, pastores, ciganos, escudeiros; a membros da mais alta nobreza (reis, rainhas, príncipes, duques, duquezas); a representantes da Igreja Cristã (padres, frades, bispos, papas); seres fantásticos como fadas; a deuses mitológicos (Júpiter, Vênus, Juno, Cupido, Apolo); Outros seres alegóricos como a Fé, Virtude, Fama, Morte, Justiça, Injustiça; Seres Celestiais (Deus, Anjos, Serafins, Arcanjos, Jesus Cristo, a Virgem, Santos); seres infernais (o Diabo e seus demônios). São personagens ímpares que representaram, de forma formidável, Gil Vicente e sua época.

Diante do exposto, ressaltamos que o trabalho aqui proposto consiste em analisar a representação da Igreja – Fé e Poder -, bem como a propagação dos dogmas e imagens criados e difundidos pelo catolicismo durante A Idade Média e suas possíveis representações no Teatro Medieval Vicentino.

---

<sup>5</sup> Segundo as investigações de Duarte Ivo Cruz (1983), Luís Francisco Rebello (1963) e Luciana Stegagno Picchio (1968) e Paul Teyssier (1985), as obras vicentinas são classificadas da seguinte forma:

- 1- Autos de Devoção: *Auto da Vistação* ou *Monólogo do Vaqueiro* (1502), *Auto Pastoril Castelhana* (1502), *Auto dos Reis Magos* (1503), *Auto de São Martinho* (1504), *Auto da Sibila Cassandra* (1513), *Auto dos Quatro Tempos* (1514), *Auto da Barca do Inferno* (1517), *Auto da Barca do Purgatório* (1518), *Auto da Alma* (1518), *Auto da Barca da Glória* (1519), *Auto de Deus Padre, Justiça e Misericórdia* (1519 ou 1520?), *Obra da Geração Humana* (1520 ou 1521?), *Auto Pastoril Português* (1523), *Auto da Feira* (1526-1528?), *Breve Sumário da História de Deus* (1526 ou 1527?), *Diálogo sobre a Ressurreição* (1526 ou 1527?), *Auto da Cananéia* (1534) e *Auto de Mofina Mendes* (1534).
- 2- Farsas: *Auto da Índia* (1509), *O Velho da Horta* (1512), *Quem Tem Farelos?* (1515), *Farsa das Ciganas* (1521), *Farsa de Inês Pereira* (1523), *Farsa dos Físicos* (1524), *O Juiz da Beira* (1525), *Farsa dos Almocreves* (1526 ou 1527?), *O Clérigo da Beira* (1529).
- 3- Comédias: *Exortação da Guerra* (1513 ou 1514?), *Auto da Fama* (1521), *Cortes de Júpiter* (1521), *Comédia de Rubena* (1521), *Dom Duardos* (1522), *Pranto de Maria Parda* (1522), *Amadis de Gaula* (1523), *Comédia do Viúvo* (1524), *Frágua de Amor* (1524), *Templo de Apolo* (1526), *Nau de Amores* (1527), *Auto da Serra da Estrela* (1527), *Divisa da Cidade de Coimbra* (1527), *Auto das Fadas* (1527), *Auto da Festa* (1527 ou 1528), *Triunfo do Inverno* (1529), *Auto da Lusitânia* (1532), *Ramagem de Agravados* (1533), *Floresta de Enganos* (1536).

## **Fé, Poder, Imaginação e Tradição: A Vida na Idade Média, A Igreja e O Teatro Vicentino.**

A vida na Idade foi, acima de tudo, marcada pela Cristandade, pela Igreja Católica e o seu poder. A crença em um só deus, segundo Francisco José Gomes (1997), ganhou força num sistema religioso que se propagou com a legitimação do Estado e de sua conjuntura sócio-político-econômico, formalizando assim, um sistema de relações entre a fé e as leis dos homens, ou seja, a Igreja e o Estado, tendo por objetivo, monopolizar as formas de pensar e agir da sociedade medieval, difundindo práticas, representações e discursos que circulavam por meio de uma extensa rede clerical, tornando-se assim, uma religião unânime, de diferentes grupos e classes sociais e com um mesmo código de base. (GOMES, 1997, p. 35-39). Mas, segundo os estudos de Baumgartner (2001), foi a partir de Constantino<sup>6</sup> que a Igreja ganhou mais força e notoriedade, pois o poder imperial tornava-se a imagem da monarquia divina, uma vez que os imperadores julgavam-se obrigados a manter uma unidade de fé para manter uma unidade de império, defendendo Cristo contra os hereges e aqueles que negavam o cristianismo. Dessa forma, na visão de Gomes (1997), a Igreja, mediante as transformações sociais, firmava-se enquanto instituição na Idade Média, tendo em Deus, a unicidade do homem, do mundo e da vida; ansiava por um reino na terra, bem como no céu; firmava o seu universalismo subsidiado pela natureza divina; difundia o monopólio da salvação e da graça de Deus. Segundo Gomes (1997):

Tanto os discursos como as práticas eclesiais passaram por um processo de uniformização, tido como sinal da unidade da fé e da Igreja. As diversidades na Igreja fixavam-se na uniformidade e na imutabilidade. A cristandade, enquanto percebida como o mesmo, era refratária às diferenças, às diversidades, à alteridade, ao outro, provocando uma sequência de reducionismos no cristianismo: do reino à Igreja, da fé à religião, da humanidade à latinidade, da

---

<sup>6</sup> Constantino I, conhecido como Constantino Magno, foi um imperador romano que nasceu na cidade de Naissus (na atual Sérvia) por volta do ano 272 e veio a falecer em 337, na cidade de Nicomédia (atual Izmit, Turquia). Seu nome completo, em latim, era: *Flavius Valerius Aurelius Constantinus*. Foi o primeiro imperador romano cristão da História. (BAUMGARTNER, Mireille. *A Igreja no Ocidente: das origens às reformas no século XVI*. Trad.: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2001).

civilização à ocidentalidade, da autoridade do Mistério ao poder da instituição, da Igreja de Cristo à Igreja de Roma, da catolicidade à uniformidade, do dogma à imutabilidade, da santidade à imitação, da obediência à submissão, do povo de Deus a um laicado passivo, da liturgia à rubricística, da *koinomia* à esteriotipia. (GOMES, 1997, p. 42)

De fato, tanto a lei do catolicismo como a Igreja era uma unidade para o Império, como bem afirma Régine Pernoud (1981). A Igreja aceitava e aliava-se ao Sistema Feudal, pois estar ao lado dos poderosos era melhor do que combatê-los, uma vez que estes também favoreciam meios para que ela difundisse e cristalizasse seus dogmas espirituais perante a sociedade, em especial, nos servos e nos membros da corte. Fortalecia ainda a atuação, os mandamentos e o poder dos bispos, do papado e dos imperadores que, mediante o processo de coroação do rei beatificado pela Igreja, favoreciam a expansão e o caráter divino da instituição episcopal. Entretanto, segundo Pernoud (1981), a Igreja nem sempre soube defender-se de suas conquistas; de suas cobiças materiais que “são para ela a mais terrível das tentações. É a grave censura que se pode fazer ao clero medieval, a de não ter dominado a sua riqueza”. (PERNOUD, 1981, p. 86). Este defeito, afirma o autor, foi vivamente sentido pela Igreja ao longo de sua trajetória, pois ela pregava uma vida humilde, sem luxos e, ao contrário, vivia de riqueza e ostentação. Muitos membros do clero, como os Papas, Bispos, Arcebispos, Padres, envolviam-se com os abusos de poder, com a soberba e a cobiça de bens materiais. De certa forma, esses acontecimentos deram à Igreja um enfraquecimento já que “o povo dava sua preferência aos clérigos que praticavam a pobreza evangélica” (PERNOUD, 1981, p. 92), em especial, aos eremitas, homens santos que sacrificavam suas vidas ao viver longe da luxúria e do poder em prol de uma vida simples e em contato consigo mesmo e com Deus, além, claro de outros sacerdotes que também abriam mão das virtudes de uma vida gloriosa, dedicando-se ao próximo, como os franciscanos e beneditinos. Sobre a Igreja e as riquezas conquistadas por esta instituição ao longo dos séculos, Gil Vicente, em pleno século XVI, na obra *Auto da Feira*, lança-lhe duras

críticas, colocando-a, inclusive, a mercê das tentações diabólicas e da fúria de Deus.

Leiamos:

Serafim

À feira, à feira, igrejas, mosteiros, / Pastores das almas, Papas adormidos;  
 Comprae aqui panos, mudae os vestidos, / Buscae as çamarras dos outros primeiros  
 / Os antecessores. / Feirae o carão que trazeis dourado;  
 Ó presidentes do crucificado, / Lembrae-vos da vida dos sanctos pastores  
 Do tempo passado. / Ó príncipes altos, império facundo, / Guardae-vos da ira do  
 Senhor dos Ceos; / Comprae grande somma do temor de Deos (...)

Mercúrio

Alto, Tempo, aparelhar, / Porque Roma vem à feira.

Diabo

Quero-me eu concertar, / Porque lhe sei a maneira

De seu vender e comprar / (...)

Roma

Vejamos se nesta feira, / Que Mercúrio aqui faz,

Acharei a vender paz, / Que me livre da canseira

Em que a fortuna me traz. / Se os meus me desbaratão,

O meu socorro onde está? / Se os Christãos mesmos me matão,

A vida quem me dará, / Que todos me desacatão?

Pois se eu aqui não achar / A paz firme e de verdade

Na sancta feira a comprar, / Cant`a mi dá-me a vontade /

Que mourisco hei de falar

Diabo

Senhora, se vos prouver, / Eu vos darei bom recado

(...)

Roma

Eu venho à feira direita / Comprar paz, verdade e fé.

Diabo

A verdade pera que? / Couse que não aproveita,

E aborrece, pera que he? / Não trazeis bôs fundamentos

Pera o que haveis mister (...) / Vender-vos-hei nesta feira

Mentiras vinta e três mil. / Todas de nova maneira,  
 Cada hã tão subtil, / Que não vivais em canseiras;  
 Mentiras pera senhores, / Mentiras pera senhoras,  
 Mentiras pera os amores, / Mentiras, que a todas horas  
 Vos nação dela favores. (...) / Vender-vos-hei como amigo  
 Muitos enganos infindos, / Que aqui trago comigo.

Roma

Tudo isso tu vendias, / E tudo isso feirei  
 Tanto, que inda venderei, / E outras sujas mercancias,  
 Que por meu mal te comprei. / Porque a trôco do amor  
 De Deus, te comprei mentira, / E trôco do temor  
 Que tinha da sua ira, / Me deste o seu desamor:  
 E a trôco da fama minha / E sanctas prosperidades,  
 Me destes mil torpidades; / E quantas virtudes tinha  
 Te troquei polas maldades /

Serafim

Ca, se vós a paz quereis, / Senhora, sereis servida,  
 E logo a levareis / A trôco de sancta vida;  
 Mas não sei se a trazeis. / Porque, Senhora eu me fundo  
 Que quem tem guerra com Deos, / Não póde ter paz com o mundo;  
 Porque tudo vem dos ceos, / Daquele poder profundo. / (...)  
 Atentae com quem lutais, / Que temo que caireis. (VICENTE, 1974, p. 205-  
 219)

Gil Vicente, ao criar esta obra, ressalta as questões graves que atormentaram o poder da Igreja durante boa parte da Idade Média. Aqui ele faz críticas rigorosas aos Papas e aos demais membros da Igreja por causa da simonia, apontando-lhes a vida que deveriam seguir, a vida dos santos primeiros. Dessa forma, o autor, explicitamente, indica as profundas mudanças pela qual a Igreja Católica deveria passar, para não se perder diante das coisas do mundo; do Diabo. Conforme o discurso do autor, a Igreja deveria buscar uma vida simples e honrosa; bem como

buscar o perdão e restituir a fé em Deus; por desobedecer a Deus, a própria Igreja entrou em conflito consigo mesma e com a pregação da sua palavra/lei pelo mundo. Enquanto a Igreja luxava, enganava, vendia mentiras, se aliava aos poderosos, o povo se desorientava e nela desacreditava; e forte era a Ira de Deus contra os desmandos da instituição. Pois durante muito tempo, a Igreja Católica viveu muitos momentos de conflitos internos e guerras pela Europa medieval, inclusive, o Cisma. Como bem afirma Gil Vicente (1974, p. 220), “tu serás, perdida, se não mudas a carreira”.

No que se refere à Igreja e aos pecados cometidos pelos membros da Igreja Católica, no *Auto da Barca do Inferno*, Gil Vicente Destaca:

Frade (ao Diabo)

(...) Como! Por ser namorado, / E folgar c’ua mulher,  
Se há-de um frade perder, / Com tanto salmo rezado? (...)

(VICENTE, 1968, p. 65)

Rendendo-se ao amor carnal, o Frade comete um grande erro e cai em tentação. Ele é condenado ao Inferno, levando consigo, a sua amante Florença. Na visão do Diabo, a dama que a companha o Frade é uma “cousa preciosa”; para o parvo, um “trinchão”; para a Igreja, um pecado mundanal. Já no *Auto da Barca da Glória*, os pecados cometidos pelos sacerdotes da Igreja Católica são bem maiores, pois trata-se dos trespassados poderosos:

Diabo (ao Bispo)

(...) entre Vuesa Señoria, / Que este batel infernal / Ganaste por fantasia,  
Halcones de altaneria, / Y cosas deste metal.

Diabo (ao Arcebispo)

(...) moristes muy desatado, / Y en la vida ahogado / Con deseos de papar (...).  
Vos caistes con la carga / De la iglesia divina. / Los minguados,

Pobres y desamparados, / Cuyos dineros vos lograstes, / Desejosos,  
 hambreados,  
 Y los dineros cerrados, / Em abierto los dejastes. (...)  
 Diabo (ao Cardeal)

(...) pues moristes / Llorando porque no fuistes / Siquiera dos dias papa.  
 Y a Dios no agradecisteis, / Viendo cuan bajo os vistes, / E en despues os dió  
 tal capa. (...)  
 Diabo (ao Papa)

(...) Lujuria os desconsagro, / Soberbia os hizo daño; / Y los mas que os  
 condeno,  
 Simonía con engano. (...)  
 (VICENTE, 1968, p. 155-164).

Como bem podemos perceber, os pecados dos trespassados referidos no trecho do *Auto da Barca da Glória*, são considerados pela Igreja Católica como pecados mortais e/ou capitais e, diante de tais atos de grande nível de pecaminosidade, todos devem ser punidos e servir de exemplo para os outros. Trata-se da luxúria, ira, soberba, inveja, roubo, orgulho, blasfêmia, vaidade, avareza. São pensamentos que povoaram a mente do cristão medieval e que, de modo criativo, difundiu-se nas artes, como bem vimos no teatro vicentino, por exemplo.

Entretanto, vale ressaltar que, de acordo com a história da cristandade, os primeiros cristãos não continuaram as pregações de Jesus Cristo, mas proclamaram o próprio Jesus e a sua palavra. E assim, como bem apontou Gil Vicente no texto acima, a missão da Igreja Católica seria, ao longo dos séculos, proclamar o evangelho e imitar a vida de Cristo, filho de Deus, bem como os seus ensinamentos. Para Victor Hellern, Henry Notaker e Jostein Gaarder (2000, p. 163-164), o evangelho – “a boa nova” -, proclamava o Reino de Deus e a “experiência de Cristo” como nosso salvador e o que isso poderia representar para a humanidade. “Jesus é o Deus vivo que conquistou a morte e que em breve irá voltar para julgar os vivos e os mortos”. Os primeiros cristãos, embora acreditassem e difundissem o testemunho de Cristo,



sentiram a necessidade de formular um credo, determinando assim, os princípios da fé cristã. Foi assim que passaram a existir os dogmas da Igreja, ou seja, a doutrina cristã, estabelecendo então, o ensino correto das leis do cristianismo. O credo cristão mais antigo, segundo Victor Hellern, Henry Notaker e Jostein Gaarder (2000, p. 164), é o *Credo dos Apóstolos*, "que em sua forma inicial data da Igreja de Roma, século III de nossa era"; depois foi criado o *Credo do Concílio de Nicéia*<sup>7</sup>, no século IV, e o *Credo de Santo Atanásio*<sup>8</sup>, no século V. E assim, nos primeiros séculos da Idade Média, a Igreja trabalhou, arduamente, para cristalizar na mentalidade dos cristãos a crença na unicidade divina; a vida, a morte e a ressurreição de Cristo, bem como a existência do Bem e do Mal no mundo; a ressurreição de Cristo como uma nova vida, a vida eterna. Para tal, seria preciso acreditar em Deus, ter fé na sua existência e nas suas Vontades. Seria preciso também que o homem vivesse em perfeita harmonia com Deus, com a vida e com Igreja. Seria preciso ainda praticar o bem e desejar o bem para todos. No *Auto da Cananéia*, a personagem de Cristo diz o seguinte:

Cristo

Com almas limpas e puras / Direis isto ao Senhor,

Firmando-o por criador / E padre das criaturas,

Que é no Céu emperador. / E direis com grande amor:

Seja louvado / Teu nome, e santificado / Neste nosso orbe menor

Como és no Céu adorado. / E direis a sua Alteza: / O teu reino venha a nós,

Em que pedis fortaleza, / E mais pedis pera nós / Graça e desperta limpeza;

E mais: perfeita grandeza / De bondade; / E pedis à Deidade

Que per toda a redondeza / Seja feita a sua vontade (...) / Faze-nos mercê do

pão

De nosso sustentamento; / Porque o certo mantimento / Mais facundo

Não se cria cá em fundo, / Nem à neve, nem ao vento,

<sup>7</sup> O Credo de Nicéia foi utilizado por todas as Igrejas Cristãs. (HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. O Livro das Religiões. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 164).

<sup>8</sup> O Credo de Santo Atanásio afirmava o seguinte: "Pois a fé correta é que nós acreditamos e confessamos: que Nosso Senhor Jesus Cristo, o filho de Deus, é Deus e homem (...) Deus perfeito e homem perfeito". (HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. O Livro das Religiões. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 164.)

Nem na terra, nem no fundo. / E pedi-lhe, filhos, mais,  
Com choros do coração, / Que nos dê ua quitação  
Das dívidas em que lhes estais, / De vossa condenação.  
Isto com tal condição / Lho pedireis, / Que assi perdoareis  
Os males que vos farão (...) / E com gemente tenção  
Lhe haveis, filhos, de pedir / Que vos possa destruir;  
Cá não podeis resistir / Às tentações / Sem Deus, que vence os dragões  
Que vos querem destruir / Per engano os corações.  
(VICENTE, 1968, p. 246-248)

Estar de alma limpa e de coração puro é primeira a lição que podemos tirar da fala de Cristo. Uma segunda lição é acreditar em Deus e na sua Vontade, bem como acreditar no seu Reino, na sua grandeza, na sua bondade, na sua graça e na sua piedade. Outra lição importante é ter fé, ser temente a Deus e ter consciência da condenação. É preciso que os filhos de Deus possam praticar o bem, possam perdoar e ser perdoados; que todos os filhos de Deus sejam salvos e fiquem livres de todos os males. Dessa forma, nos primórdios do cristianismo, desenvolveu-se em toda a Europa medieval e no Oriente, segundo Baumgartiner (2001), o pensamento teológico da Igreja cristã:

Graças a fortes personalidades instruídas nas escolas e cuja a vida pode servir de exemplo de consagração, a reflexão teológica desenvolveu-se tanto no Ocidente como no Oriente. Existe a preocupação de aprofundar o conhecimento das Escrituras e a exegese é abundantemente praticada, sobretudo alegórica e espiritual. É necessário ainda lutar contra os desvios e os ataques, e as apologias fazem-se segundo linhas diversas. A preocupação da precisão doutrinal continua a animar os espíritos. São numerosas as trocas entre os bispos, apesar das distâncias e graças aos sínodos. Alguns dão sobretudo prova de qualidades pastorais, outros assinalam-se pela força de seu pensamento e, por vezes, por idéias novas carregadas de consequências. As suas vidas e as suas obras oferecem uma imagem da época e indicam a orientação da Igreja. (BAUMGARTINER, 2001, p. 80)

A difusão do evangelho sobre a vida de Cristo foi fundamental para a consolidação da Igreja e para a palavra divina. Logo então, a imagem de Jesus Cristo crucificado assumiu uma forte simbologia para a humanidade: " Jesus inocente assumiu para si a culpa do mundo e sofreu a punição que caberia à humanidade" (HELLERN; NOTAKER; GAARDER (2000, p. 166-167). A partir de então, a cruz passou a ter uma simbologia importante para o cristianismo; ela passou a significar o sofrimento de Cristo; a compaixão de Cristo; o peso da humanidade e sua expiação; a salvação e o perdão dos pecados do mundo (HELLERN; NOTAKER; GAARDER (2000, p. 167); "pois só de levar a cruz tão pesada / pola serra acima homem tão delgado, / disto somente ficaria matado; (...) / que só do tormento que levou dos pregos, fora matado um drago feroz (...)", assim diz Gil Vicente no auto intitulado *Diálogo Sobre a Ressurreição* (VICENTE, 1968, p. 227). A fé na cruz de Cristo transformou-se, na Idade Média, num elemento essencial para os ensinamentos de Cristo e o engrandecimento da Igreja, pois era esta a palavra/imagem que estabelecia a confiança do povo naqueles que poderiam libertar os homens dos seus pecados; dos seus sentimentos de culpa, seja por meio da benção, da missa ou da confissão, principalmente no momento da morte, na medida que a angústia pela vida é, na realidade, uma angústia pela morte" (HELLERN; NOTAKER; GAARDER (2000, p. 168). "Este é o Messias, sem mais arguir; / este é o honrado nosso Emauel (...); segue-se logo, se Cristo é Messias, / que é salvador destas alcaçarias (...)", ressalta ainda Gil Vicente na obra *Diálogo Sobre a Ressurreição* (VICENTE, 1968, p. 228-229).

A Bíblia, o livro sagrado que constituiu as leis dos cristãos, segundo Guy Lobrichon (2002), no *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, permitiu à Igreja e aos homens de Cristo a propagação dos juramentos, dos compromissos da fé de Cristo para a humanidade, bem como a esperança cristã diante do Juízo Final, momento em que todos serão julgados, mas poucos entraram no reino de Deus. "Este livro sem dúvida alimentou e inspirou a melhor parte das criações intelectuais da Idade Média". (LOBRICHON, 2002, p. 105). As parábolas, os sermões, as máximas,

os prodígios e outros textos difundidos pela Bíblia tiveram aplicações inexoráveis na celebração da união entre o homem e o Espírito de Deus, tornando assim, sagradas as palavras de Deus. (LOBRICHON, 2002, p. 105-106). “Mãe da pregação, ela deve nutrir o espírito, educar a voz dos que falam nos mosteiros, nas catedrais e nas paróquias; impregna o tecido cultural, despreza as fronteiras políticas”. (LOBRICHON, 2002, p. 110). Daí a complexidade da sociedade medieval, tanto civil como religiosa, em entender e aceitar a espiritualidade da palavra de Deus em tempos de injustiça e guerra; pragas e mortes; certezas e incertezas do poder espiritual e das cobiças terrenas em nome do sagrado. Contudo, a Bíblia sempre foi o livro da verdade, da doutrina divina, da comunhão fraterna e da vida em Cristo. Assim diz Gil Vicente no *Diálogo Sobre a Ressurreição* “(...) e acabo de crer / que este é o Messias nosso desejado; / porque Isaías, profeta amado, / falou deste tudo o que havia de ser; / e Ezequiel, Amos, Salomão, David, Daniel, todos falaram no seu ressurgir”. (VICENTE, 1968, p. 227).

Portanto, viver na paz de Deus, tinha grandes significados para a Igreja e para o homem medieval. A própria palavra Igreja, na concepção de Hellern, Notaker e Gaarder (2000, p. 178-179), transmitia essa significação, pois era o lugar em que as pessoas eram “chamadas e reunidas para o serviço divino”, ou seja, “assembleia” e “congregação”. A igreja era uma comunidade espiritual, de fé, de congregação; o lugar onde se propagava e proclamava o evangelho e se administravam os sacramentos: o batismo, a confirmação ou crisma, a eucaristia, a oração, a penitência, a unção dos enfermos, a ordem e o matrimônio. O Pentecostes, quando Jesus enviou seu Espírito para guiar a humanidade, costuma ser considerado o aniversário da Igreja<sup>9</sup>. Assim, podemos ainda destacar na obra de Gil Vicente, passagens que diz

---

<sup>9</sup> Constantino (séc. III. d.C.), foi o primeiro a oficializar o reconhecimento da Igreja Católica. Ele retomou o edito de Galério e fez publicar em Nicomédia, em 313, uma carta circular, que se tornou o edito de Milão. Por meio deste, concedeu aos cristãos a liberdade de culto, a igualdade de direitos com pagãos e a restituição de todos os bens antes confiscados. A jurisdição episcopal foi reconhecida ao lado das tribunas civis. Em 318 foram proibidos os sacrifícios privados; em 320 uma lei decretou o repouso ao domingo; em seguida, a Igreja foi autorizada a receber heranças; foi-lhe concedido também o poder de dar alforria aos escravos por simples declaração, nos seus lugares de culto. Constâncio praticou a mesma política. Ordenou, além disso, o encerramento dos templos pagãos e a confiscação dos seus bens; proibiu todos os sacrifícios. Mas pretendeu impor-se aos concílios e exilou vários bispos. Ele assumiu a defesa do arianismo. Juliano (361-363), chamado o Apóstata, nascido cristão, foi seduzido

respeito ao modo de viver em sociedade e de viver sob a vigilância da Igreja Católica, bem como a prática dos sacramentos cristãos. No, *Auto da Barca do Inferno*, por exemplo, encontramos passagens importantes referentes aos sacramentos da Igreja Católica, como a prática do santo ofício dos defuntos, as orações, as missas, as penitências, os ofertórios, as bênçãos; como se confessar e comungar antes de morrer, orar em prol dos mortos, o luto. Citemos aqui, primeiramente, trechos das falas dos personagens do Fidalgo, do Sapateiro e do Frade quando chegam à margem do rio e se defrontam com o Diabo, em que Gil Vicente aborda ironicamente o assunto:

Diabo

Em que esperas ter guarida?

Fidalgo

Que deixo na outra vida / Quem reze por mi. (...)

Sapateiro

E os que morrem confessados, / Onde tem sua passagem? (...)

Sapateiro

Como poderá isso ser, / Confessado e comungado. (...)

Sapateiro

Quantas missas eu ouvi / Não m'hão elas de prestar? (...)

Sapateiro

E as ofertas que darão, / E as horas dos finados? (...)

Frade

Assi fui bem açoutado (...)

Frade

---

pela literatura e pela filosofia antigas e dedicou-se ao culto do Sol invicto. Tentou restaurar o paganismo, apoiando-se na elite intelectual de Roma. Os seus sucessores proclamaram a liberdade de consciência. Por fim, Teodósio, o Grande, instituiu o Cristianismo como religião de Estado e interdita os cultos pagãos. Contudo, limita a liberdade da Igreja. Em 381, exigiu o respeito da fé de Niceia. Assim, a Igreja continuou o seu avanço no Império e mais além. Com o passar dos séculos, a Igreja conseguiu erguer-se grandiosa e poderosa. Desenvolveu uma série de reflexões e difundiu o seu pensamento teológico de forma escrita e progressiva tanto no oriente como no ocidente, por meio dos Pais da Igreja: Eusébio de Cesareia (cerca de 260 a aproximadamente 339), Basílio de Cesareia (329-379?), Gregório de Nazianzo (329-390 ?), Gregório de Nissa (335-394), Crisóstomo (350-407); Atanásio (295-373) – todos seculares teólogos do Oriente; Hilário de Poitiers, Dâmaso (305-384), Ambrósio (337-395), Jerônimo (347-420), Agostinho, o bispo de Hipona (354-430) – todos teólogos seculares do Ocidente. (BAUMGARTNER, Mireille. *A Igreja no Ocidente: das origens às reformas no século XVI*. Trad.: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2001, pp. 86-87; pp. 95-98).

Juro a Deus que não t'entendo: / E este hábito não me val?

Frade

(...) se há-de um frade de perder, / Com tanto salmo rezado?

(VICENTE, 1968, p. 42-60)

Rezar, confessar ou comungar, ir às missas e fazer ofertórios, penitenciar-se, honrar a Deus, aos vivos e aos mortos, vestir hábitos religiosos fazem parte de um ritual sagrado estruturado e disseminado para todos os fiéis cristãos da Idade Média. Entretanto, no auto, são expostas lições importantes a saber, algumas delas, descumpridas pelo homem fiel aos dogmas da Igreja: A ausência da fé nos personagens e o afastamento de Deus; O Fidalgo deixou quem rezasse por ele. Porque ele mesmo não rezou por si? O Sapateiro diz ter ouvido missa. Será que ouvir missa e pensar nas coisas mundanas surtiria efeito para o perdão divino? Ele ainda diz ter morrido confessado e comungado. Mas terá mesmo se arrependido dos pecados por ele vividos no leito de morte? Já o Frade ressalta a questão do uso do hábito e de ser um homem da Igreja; que muito rezou. Contudo, terá sido ele um homem de boa virtude, fiel ao que pregava? Gil Vicente satiriza todos estes personagens condenando-os ao Inferno. Significa dizer que, de acordo com os ideais da Igreja Católica medieval, são as boas ações realizadas em vida e a virtuosidade do ser humano que são levados em conta na hora de prestar contas com Deus. De acordo com a mentalidade medieval, as virtudes, a Fé em Deus e na Igreja, bem como a práticas de ações benéficas é que levavam à salvação e aos desígnios de Deus e da Santa Madre Igreja.

Entretanto, a Igreja permaneceu sendo única e indivisa até o ano de 1054, quando se dividiu em duas: Católica Romana e Ortodoxa<sup>10</sup>. Mesmo assim, segundo

---

<sup>10</sup> Assistiu-se, ao longo da história do cristianismo, as sucessivas reconciliações entre as duas Igrejas. Em 1052, o patriarca Miguel Cerulário mandou fechar os lugares de culto latino em Constantinopla. Em 1053, são trocadas cartas que insistem nas diferenças entre as Igrejas Gregas e as Igrejas Latinas. Em 1054, o Papa Leão XI, impõe às Igrejas Gregas do sul da Itália a liturgia latina. Em reação, o patriarca de Constantinopla obriga as Igrejas Latinas do Oriente a seguir a liturgia grega. Uma delegação papal é enviada a Constantinopla; após uma grande querela, excomunga-se Miguel Cerulário; este, por seu turno, lança o anátema contra os legados da Igreja Latina. Assim, começou o "Grande Cisma", que sancionou diferenças profundas de mentalidade e de orientação teológica entre

Le Goff (2013), sobre um fundo de inquietações religiosa e de insegurança a sociedade feudal prosseguia com seus valores comuns e com a hierarquização das três ordens da sociedade: os que combatem, os que oram e os que trabalham (Le Goff, 2013).

Ora, os séculos X e XI, conforme os apontamentos de Duby (1967), foram séculos de grandes conturbações e inovações para a Igreja Católica em toda a Europa Medieval. O “Ano Mil” pregava o fim do mundo, a vinda do “Anticristo”, o Apocalipse; sofria com as grandes pestes; a Igreja tentava manter-se poderosa e sujeitava-se aos costumes do seu tempo; os monges, os abades, os bispos preservavam seus bens pessoais; um renascimento far-se-á à conjuntura sacerdotal cristã graças à criação, em 909, da abadia de Cluny<sup>11</sup>, que tinha por objetivo, defender toda a ordem episcopal. (DUBY, 1967)

Porém, foi durante os séculos XI, XII e XIII que as verdadeiras transformações eclesiásticas e sócio-culturais provocaram uma grande renovação espiritual numa sociedade em constante transformação. As cruzadas<sup>12</sup>, por exemplo, são “um empreendimento de tipo feudal que, de 1096 a 1204 e, em seguida, durante o século XII, reuniu vários príncipes do Ocidente numa aventura militar longínqua”, com o intuito de “reconquistar o túmulo de Cristo e de defender o império de Bizâncio”, tomado pelos turcos em 1071. (BAUMGARTNER, 2001, p. 159). Os feudos

---

as Igrejas do Oriente e Ocidente. (BAUMGARTNER, Mireille. *A Igreja no Ocidente: das origens às reformas no século XVI*. Trad.: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2001, pp. 150-151).

<sup>11</sup> Conforme os apontamentos de Vauchez (1995), a badia de Cluny foi fundada em 910 pelo abade Bernon com o apoio de Guilherme de Aquitânia. Este mosteiro localizado na Borgonha não tardaria a estender a sua influência a boa parte do Ocidente, desde a Inglaterra até à Itália. Diretamente ligada à Igreja Romana, a abadia de Cluny constituiu, desde os fins do século X ao início do século XII, a mais importante congregação religiosa da cristandade. Sua influência foi considerada em todos os meios sociais da Europa medieval. (VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental séc. VIII-XIII*. Trad.: Teresa Antunes Cardoso. Lisboa: Editora Estampa, 1995, pp. 42-43).

<sup>12</sup> A espiritualidade das cruzadas, segundo Vauchez (1995) e Ivan Lins (1939), nasceu em fins do século XI. Foi por ocasião de uma assembleia de paz, reunida em Clermont no ano de 1095, que o Papa Urbano II lançou o apelo que levou à partida de inúmeros fiéis para a Terra Santa. As cruzadas tinha por finalidade, inicialmente, fazer reinar por toda a parte a paz de Deus e libertar os cristãos do Oriente, oprimidos pelos turcos. Contudo, era preciso pegar em armas. Nesta ocasião, foi feito, diretamente aos cavaleiros medievais, sem passar pelos suseranos, um apelo que suscitou num poderoso movimento a favor da libertação do túmulo de Cristo. Ao mesmo tempo, conferiu ao uso de armas, em especial, à classe feudal, dando-lhe o caráter de uma ação religiosa, fazendo delas, instrumento de uma restauração religiosa e da propagação da fé. Com as cruzadas, a luta contra os infiéis e, mais tarde, contra os heréticos e outros inimigos da Igreja passou a ser a nova função do *ordo laicorum*.

transformam-se em cidades e houve, consideravelmente, um aumento da população.

Neste contexto, a vida eclesial ganhou novos rumos. Conforme Huizinga (2015) e Le Goff (2013), os temores da morte, do juízo final e as punições dos pecados no além-túmulo persistiram e provocaram medo na população; o homem despertou um sentimento de renúncia mais profundo e passou a viver segundo o ideal cristão de renúncia. As devoções aumentaram em número, principalmente, na "Mãe do Senhor"<sup>13</sup>; a hóstia consagrada representava o "Nosso Senhor"; a devoção do "santíssimo sacramento" ganhou importância e se transformou numa grande festa; a leitura das Escrituras e dos Padres da Igreja prosseguiram nas missas e nos ofícios dos monges; a penitência deixou de ser um ato público e agressivo e passou a ser um ato de Confissão, de declaração verbal; surgiu a noção de um terceiro lugar no além: Céu, Inferno e Purgatório; os excessos dos papas provocaram reações, sobretudo, nos reis. Sugiram ainda, neste contexto, além dos monges Beneditinos, com o intuito de propagar a fé a Palavra de Deus, outras ordens medicantes: os Franciscanos e os Dominicanos<sup>14</sup> e outras ordens menores, como as Clarissas e os

---

<sup>13</sup> Segundo F. E. Peters, no livro *Os Monoteístas: Judeus, Cristãos e Muçumanos em Conflito e Competição*, embora Maria tenha um papel muito importante nas narrações do nascimento de Jesus registradas por Mateus e Lucas, não tem o mesmo papel na vida pública dele como descrevem os evangelhos nem, de fato, no Novo Testamento como um todo. Dias festivos em honra de Maria foram publicamente celebrados tanto como festas populares como acréscimos formais ao calendário litúrgico sempre mais volumoso da Igreja: o nascimento dela, sua apresentação no templo, o anúncio que o anjo fez de sua gravidez (a Anunciação), sua purificação após o nascimento de Jesus e o arrebatamento (a Assunção) de seus restos mortais ao céu. Orações como a Ave Maria (Lucas 1, 28 mais 1, 42) tornaram-se enormemente populares. A prática de repetir levou rapidamente ao "rosário", a repetição dessa oração em séries, desfiando as contas que marcavam a oração acompanhada de cenas da vida de Maria. Maria não teve nenhum grande santuário na Europa medieval, todavia os "lugares de Jesus" proliferaram pelo simples expediente de transferir para solo europeu as "estações" ligadas aos últimos dias de Jesus em Jerusalém. Embora na Igreja primitiva não houvesse nenhuma celebração de dias santos marianos, no século VI há evidência de que sua Assunção estava sendo celebrada, sem controvérsia, tanto entre os cristãos latinos como entre os orientais, ainda que não fosse definida como dogma pela Igreja Romano-Católica até 1950. O auge do culto à Virgem Maria se deu por conta da proclamação da Imaculada Conceição como dogma da Igreja por Pio IX em 1854, "por sua própria autoridade", como reza o decreto. A definição da Imaculada Conceição foi o ponto final de um processo movido por uma combinação de piedade popular, que muitas vezes estava à frente dos teólogos, e a aplicação de uma espécie de lógica ao desenvolvimento da doutrina. A posição extraordinária de Jesus exigia como necessidade teológica ou pedia, porque era conveniente, uma elevação paralela no *status* daquela que o gerou. PETERS, F. E. *Os Monoteístas: judeus, cristãos e muçumanos*. Vol. II. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 232-234.

<sup>14</sup> O início do monaquismo formal na Igreja Ocidental ocorreu em meados do século VI, quando Bento (m.c. 550), primeiro eremita e mais tarde o chefe de uma pequena comunidade de monge no Monte Cassino, na Itália, pôs por escrito, de forma bastante simples, as linhas gerais da vida de um monge, assim como ele as entendia. Essa Regra de São Bento, que se baseava na obra anterior de Basílio, bem como no exemplo dos padres do deserto e



Beguinos e as Beguinias<sup>15</sup>; Instalou-se a Inquisição na Idade Média; ocorreram as fundações/criações das universidades; a perseguição contra os judeus aumentaram; houve um grande embate entre os intelectuais das universidades e a teologia cristã; o equilíbrio do mundo viu-se dividido entre o poder temporal do Imperador/Rei e o poder espiritual do papado. No entanto, de tudo o que foi citado neste momento, destaquemos algumas representações de grande relevância para a propagação dos dogmas da Igreja Católica e para o engrandecimento do seu poder no medievo: os três lugares do Além-Túmulo (Inferno, Paraíso e Purgatório); Deus, Diabo, Demônios, Anjos, Santos e Virgem Maria. No *Auto da Barca do Inferno*, tanto na fala do Diabo, quanto nas falas dos demais personagens, podemos encontrar várias alusões e/ou descrições sobre o Inferno, bem como a tormenta do representante do Mal para conduzir os trespasados para o seu reino. De acordo com o texto, o Inferno é uma

---

no pensamento de Santo Agostinho, tornou-se a pedra mestra de comunidades de ascetas até a virada do século XIII, quando recentes problemas produziram novas formas de vida religiosa. Na Regra de Bento, o governo da comunidade era pensado em termos paternos: o chefe da casa ou abade deveria governar seus membros exatamente como um pai governa a sua família, combinando paixão com justiça. Os irmãos, fossem sacerdotes ou não, deviam ao superior obediência completa e perfeita atenção. As ordens do abade deveriam ser cumpridas, não importava quão difícil ou aparentemente irracional fossem, pois ele falava em nome de Cristo. O monge beneditino possui uma vida simples e de aprovação. O estilo beneditino de monarquismo cedeu, no século XIII, a um tipo mais flexível de vida comunitária religiosa, graças, como dissemos anteriormente, os problemas enfrentados neste período pela Igreja. Primeiro, Francisco de Assis e, depois, Domingos de Gusmão fundaram ordens religiosas masculinas que tiveram por mandato a maior propagação e defesa da Palavra de Deus e acura das almas. Do mesmo modo que os primeiros monges, essas duas ordens de frades, os franciscanos (Ordem dos Frades Menores) e os dominicanos (Ordem dos Frades Pregadores), cantavam o Ofício em comum em mosteiros, mas suas principais tarefas espirituais estavam fora, na catequese e na explicação e defesa do ensinamento cristão. Os frades poderiam ser enviados de um lugar para outro pela cristandade, conforme a necessidade ou a oportunidade se apresentasse, como no caso da batalha contra a heresia ou na propagação da fé. (PETERS, E. F. *Os monoteístas: judeus, cristãos e muçulmanos em conflito e competição*. Vol. II. Trad.: Jaime A. Clasen. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 307-312).

<sup>15</sup> Em conformidade com a sua visão evangélica do Reino dos Céus, Francisco de Assis começou a criar com os irmãos Menores, as “pobres” de Santa Clara, que mais tarde, ficou conhecida como Clarissas, e os penitentes leigos que haviam seguido o seu apelo à conversão, viu um modelo alternativo de vida monástica, tendo por finalidade revelar aos homens e até mesmo à Igreja, o que poderia ser um mundo subtraído ao poder do dinheiro e à violência; porque este consagrara-se plenamente à adoração de Deus e ao serviço dos pobres e humildes. A ordem das clarissas foi fundada e dirigida até a morte por Santa Clara de Assis, a filha espiritual de São Francisco. As beguinias adotavam mulheres integradas na vida “semi-religiosa”, tidas como as “Filhas de Deus”; estas eram solteiras ou viúvas que na idade adulta se comprometiam a levar uma forma de vida religiosa, individual ou comunitária, que associava a oração, a prática de caridade e o trabalho manual. As beguinias não proferiam votos, tinham liberdade de movimentos e podiam, em qualquer momento, regressar ao mundo, se pretendessem fazê-lo. Os beguinos eram penitentes italianos que, até os anos de 1280, permaneceram amplamente autônomos relativos ao clero e à Igreja em si. Tinham seus próprios ministros. Contudo, o papado, para estabelecer a ordem e a segurança da cristandade, colocou-os sob a jurisdição das ordens medicantes. (VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental séc. VIII-XIII*. Trad.: Teresa Antunes Cardoso. Lisboa: Editora Estampa, 1995, pp. 162-173).

Ilha perdida, uma terra sem bom sabor, quente, lugar dos pecadores, dos tormentos, dos desvarios da vida mundana:

Fidalgo

Esta barca onde vai ora, / Qu'assim está apercebida?

Diabo

Vai pera ilha perdida (...) / Pera o Inferno, senhor.

Fidalgo

Terra é bem sem sabor. (...)

(...) Ao Inferno todavia! / Inferno há i pera mi?

(...) Ó barca, como és ardente! / Maldito quem em ti vai! (...)

Onzeneiro

E pera onde é a viagem?

Diabo

Pera infernal comarca. (...) / Irás servir Satanás, / Pois sempre t'ajudou. (...)

Cala-te, que cá chorarás.

Sapateiro

Ou da santa caravela, / Podereis me levar nela?

Anjo

Essa barca que lá está, / Leva quem rouba de praça. (...)

Sapateiro

Assi que determinais que vá cozer ao Inferno?

Anjo

Escrito estás no caderno / Das ementas infernais.

Sapateiro

(...) levai-me aquele fogo; (...).

Diabo

(...) Entrai, Padre reverendo.

Frade

Pera onde levais gente?

Diabo

Pera aquele fogo ardente, / Que não temeste vivendo. (...)

(...) Gentil padre mundanal, / A Berzebu vos encomento. (...)

Diabo

Devoto padre e marido, / Haveis de ser cá pingado.

Brizida Vaz

(...) açoutes tenho eu levados, / E tormentos suportados (...)

(...) S'eu fosse ao fogo infernal, / Lá iria todo mundo. (...).

(VICENTE, 1968, p. 41-65).

Já no *Auto da Barca da Glória*, o Diabo, ludibriador e acusador, indica o lugar de cada trespassado no Inferno, uma vez que estes são poderosos e importantes senhores. Na fala do Diabo, o Inferno é visto como um lugar quente, com água fervente, muita fumaça e fogo. Há também pontes ardentes, navalhas cortantes, muita dor, choro e lágrimas. Ainda existem caldeiras ardentes, muitos demônios, a figura de Lúcifer e outros diabos:

Diabo

Señor Conde y caballero, / Dias há que os espero (...)

Entre Vuesa Señoria, / Que bien larga és la plancha (...)

Conde

Nunca tú me passarás.

Diabo

Mirad, señor, por iten / Os tengo acá em mi rol (...)

Veis aquellos fuegos bien? / Ali se coge la frol.

Veis aquel gran fumo espesso, / Que sale daquelas peñas? / Ali perdereis el

vueso

Y mas, Señor, os confieso / Que hábeis de mensar las greñas. (...)

Diabo

Ó mi Duque y mi castillo, / Mi alma esperada (...) / (...) Veis aquella puente

ardendo,

Muy lejos allén del mar, / Y unas ruendas volviendo

De navajas, y heriendo? / Pues ali hábeis de andar siempre jamas. (...)

Diabo

Señor, quiero caminhar, / Vuesa Alteza há de partir.

Rei

Y por mar he de pasar?

Diabo

Si, y aun tiene que sudar; / Ca no fue nada el morir.

Pasmareis: / Si mirais, dahi vereis / Adó sereis morador

Naquellos fuegos que veis; / Y llorando, cantareis / "Nunca fue pena mayor"

(...).

Diabo (ao Bispo)

(...) entre Vuesa Señoria, / Que este batel infernal / Ganaste por fantasia (...)

De ahí donde estais vereis / Unas caldeiras de pez, / Adonde os cocereis,

Y la corona asareis, / Y freireis la vejez. (...)

Diabo (ao Papa)

Venga Vuesa Sanctidad / En buenora, Padre Sancto (...) / Vos ireis,

En este batel que veis, / Comigo a Lucifér; (...) / (...) veis aquellos azotar

Con vergas de hierro ardendo, / Y despues atanazar?

Pues ali hábeis de andar para siempre padeciendo. (VICENTE, 1968, p. 129-

164).

O segundo lugar do Além mais difundido pela Igreja Católica, também presente nas obras vicentinas, e o mais complexo, foi o lugar do Paraíso, o lugar da Salvação, espaço este diretamente ligado ao Céu, morada de Deus, dos Anjos, Santos e dos Bem-Aventurados. De acordo com a concepção bíblica e a mentalidade cristã, este seria, conforme aponta os textos de Gil Vicente, um lugar de luz, quietude, graça divina e paz. No *Auto da Alma* há algumas alusões interessantes sobre o Paraíso. Num primeiro momento, o Diabo, tentando ludibriar a Alma no seu momento de trespasse, diz que o Paraíso é um lugar desprovido das riquezas terrenas, de descanso, de tranquilidade; ou seja, um lugar sem prazeres, sem senhorios e sem averes:

Diabo (à Alma)

(...) Gozai, gozai dos bens da terra, / Procurai por senhorios / E averes. (...)

Não curei de outro Paraíso; / Quem vos põe em vosso siso / Outro remanso?

(VICENTE, 1968, p. 9-10)

Ele ainda aponta o Paraíso como um lugar situado no Céu:

Diabo

Ainda é cedo para a morte; / Tempo há de arrepender, / E ir ao Céu. (...).

(VICENTE, 1968, p. 15)

Ainda no mesmo auto, São Jerônimo, considerado um dos pais da Igreja, afirma que o Paraíso é o lugar dos pecadores arrependidos, daqueles que passaram por grandes tormentos e se arrependeram, tornando-se tementes a Deus e à Igreja, tendo como exemplo, o sofrimento de Jesus Cristo:

São Jerônimo

(...) pera vos remediar, / Foi um tormento improviso,

Que aos miolos lhe chegou: / E consentiu, / Por remediar o siso,

Que a vosso siso faltou; / E pera ganhades o Paraíso, / A soffrio.

(VICENTE, 1968, p. 33-34).

No *Auto da Barca do Inferno*, também há algumas referências indiretas ao Paraíso. De acordo com a fala das personagens, em especial, a fala do Anjo, o Paraíso não é o lugar das almas pecadoras; daqueles que foram tiranos durante a vida, como o Fidalgo; dos que roubaram e dos que enganaram o povo a vida toda, como o Onzeneiro e o Sapateiro; dos que foram contra os dogmas da Igreja, como o Padre e sua amante; dos que praticaram atos sexuais indevidos, como Brízida Vaz; daqueles que atentaram contra a própria vida, como o Enforcado; daqueles que cometeram as grandes injustiças, como o Corregedor e o Procurador. Somente as pessoas puras, simples, boas de coração, livres das coisas mundanas, justas, defensoras da Igreja e da palavra divina, são dignos de embarcar na Barca comandada pelo Anjo e seguir caminho rumo ao Paraíso, como é o caso da personagem do Parvo e dos Quatro Cavaleiros:

Fidalgo (ao Anjo)

Que me digais, (...) / Se a barca do Paraíso / É esta em que navegais. (...)

Anjo

Não se embarca tirania / Neste batel divinal (...)  
 (...) Pera vossa fantasia / Mui pequena é esta barca.

Onzeneiro (ao Anjo)

Ou da Barca (...) / (...) Eu para o Paraíso vou.

Anjo

Pois cant'eu bem fora estou / De te levar pera lá (...)  
 (...) porqu'esse bolsão tomara todo o navio.

Onzeneiro

Juro a Deus que vai vazio.

Anjo

Não já no teu coração. (...)

Brízida Vaz (ao Diabo)

Hui! Eu vou par'o Paraíso.

Diabo

E quem te disse a ti isso?

Brízida Vaz

(...) Eu sou ua mártel tal (...)

Brízida Vaz (ao Anjo)

Barqueiro, mano, meus olhos, / Prancha a Brízida Vaz.

Anjo

Eu não sei quem te cá traz (...) / (...) Não cures de me importunar, / Que não  
 podes ir aqui (...).

Parvo (ao Anjo)

Quereis-me passar Além?

Anjo

Quem és tu?

Não sou ninguém.

Anjo

Tu passarás, se quiseres. / Porque em todos teus fazeres,

Per malícia não erraste; / Tua simpreza t'abaste  
 Pera gozar dos prazeres. (...)  
 Anjo (aos Cavaleiros)  
 Ó cavaleiros de Deus, / A vós estou esperando;  
 Que morrestes pelejando / Por Cristo, Senhor dos Céus.  
 Sois livres de todo o mal, / Santos por certo sem falha;  
 Que quem morre em batalha / Merece paz eternal.  
 (VICENTE, 1968, p. 44-82).

No *Auto da Barca da Glória*, o Reino de Deus, ou seja, do Paraíso, assim como na *Barca do Inferno*, não é lugar das almas pecadoras e desse modo, os trespassados não são aceitos na Barca do Paraíso. Estes, agora do alto escalão social e eclesiástico, foram, em vida, presos às coisas mundanas e cometeram os grandes pecados da vida: simonia, avareza, tirania, inveja, luxúria:

Diabo (ao Papa)  
 (...) Lujuria os desconsagro, / Soberbia os hizo daño;  
 Y los mas que os condeno, / Simonia com engano, / Venid embarcar.  
 (VICENTE, 1968, p. 164).

Já o terceiro lugar-Além, teve destaque maior quando Gil Vicente elaborou o *Auto da Barca do Purgatório*. Neste auto, quase todos os trespassados se arrependeram, ainda em vida, dos pequenos pecados cometidos no mundo. O Diabo, astuto e ludibriador, tenta, a todo custo, condenar as pobres almas ao fogo infernal. Contudo, quase todos eram tementes a Deus, acreditavam na Santa Igreja Católica e nos seus sacramentos. Somente o Tافل é diretamente condenado à barca infernal e o Menino salvo pelos anjos, adentrando assim na barca divinal. Vamos a obra:

Diabo  
 Pois porque vens carregado?  
 Lavrador  
 Porque seja conhecido / Por lavrador muito honrado.

E tenho a glória merecido; / Que sempre fui perseguido, / E vivi mui  
trabalhado. (...)

Anjo

Vinde cá, homem de bem; / Pera onde quereis ir?

Lavrador

Queria passar além, / Pera a glória do Senhor.

Samicas de lá serês?

Anjo

E vens tu merecedor?

Lavrador

E que fez lá o lavrador, / Pera andar cá ó travês?

Anjo

Pode ser mui austinado, / E não querer-se arrepender.

Lavrador

Bofá, Senhor, mal pecado, / Sempre é morto quem do arado

Há de viver. / Nós somos vida das gentes,

E morte de nossas vidas; (...) / (...) Manifesto está e visto

Que o bento Jesu Cristo / Deve ser homem de gala.

Anjo

Que bens fizeste na vida, / Que te sejam cá guiantes?

Lavrador

Ia ao bodo da ermida / Cada Santa Margarida,

E dava esmola aos andantes; / Benzia-me pola manhan, / Levava o credo até o  
cabo.

Diabo

Depois tomavas a lan / Da melhor e a mais san,

E davas ao dízimo a do rabo, / Temporan.

E o mais fraco cabrito, / E o frangão afegoso, / Com repetenado espírito. (...)

Anjo

Digo que andes assi / Purgando nessa ribeira,

Até que o Senhor Deus queira / Que te levem pera si / Nesta bateira.

Lavrador



Bofá, logo quisera eu, / Que me atormenta este arado;  
 E dera muito do meu, / Pois que já hei de ser seu, / Tirar-me deste cuidado.  
 Ó mundo, mundo enganado, / Vida de tão poucos dias,  
 Tão breve tempo passado, / Tu me trouveste enganado, / E me mentias! (...)

Marta Gil

(...) Anjos, ajudade-me ora, / Que vos veja eu bem casados:

Não me deixeis de fora / Por aquela santa hora

Em que todos fostes criados. (...)

(...) Eu quero provar / Que em todo tempo há lugar

O que Deus quer. (...) / (...) e a barca de Satão

Não passa hoje ninguém; / E per força hei de ir além,

Sô pena d'excomunhão, / Que posta tem.

Anjo

Grande cousa é oração; / Purga ao longo da ribeira,

Segura de danação, / Terás angústia e paixão, / E tormento em gran maneira.

Isto até que o Senhor queira / Que te passemos o rio;

Será tua dor lastimeira, / Como ardendo em gran brasio, / De fogueira.

Marta Gil

(...) Oh quem tal arrepender, / Tal maneira de penar,

Lá soubesse no viver! / Oh quem tornasse a nascer, / Por não pecar!

(VICENTE, 1968, p. 91-105).

Mediante a colocação de tais trechos alusivos ao Purgatório, percebemos que este é um Lugar-Além de sofrimentos, dor, angústia, tormentas, uma vez que os pecados cometidos em vida, sejam eles graves ou leves, devem ser purgados pelo fogo divinal. O purgatório, como vimos, é ainda um lugar ardente, dos danados, porém, de possibilidade de salvação.

Destaquemos ainda algumas passagens do teatro vicentino que versam sobre o nascimento de Cristo e o Culto Mariano, bem como as festividades em torno do seu nascimento, a devoção na Santa Igreja e a remissão dos pecados mundanos, Gil Vicente, no *Auto dos Reis Magos*, os representou da seguinte forma:

## Ermitão

Oh bendito y alabado / Y exalzado / Sea nuestro Redentor!  
 Que um rústico pastor / Com amor  
 Lo busca em gran cuidado; / Desampara su ganado  
 Muy de grado, / Por ver al niño glorioso! / Que haré yo religioso  
 Perezoso, / Que ando tan sin cuidado  
 Por aqueste despobado? / Destos pobres labradores  
 Y pastores / Quiso ser ofrecido, / Adorado y conocido  
 Y servido / Com cantares y loores, / Escuchando sus primores  
 Y clamores / La Vígen nuestra Señora  
 Y la vaquilla lo adora / Em la hora  
 Que el Señor de los señores / Nació de flor de las flores. (...)

## Ermitão

Este mundo peligroso / Sin reposo / Nos trae à todos burlados,  
 Ciegos, mal aconsejados, / Desviados  
 De aquel reino glorioso. (...)  
 Aparecem os três Reis Magos cantando o seguinte vilancete:  
 "Cuando la Vígen bendita / Do parió, / Todo mundo lo sentió.  
 Los coros angelicais / Todos cantar nueva glória; / Los três Reis la vitória  
 De las almas humanales. / Em las tierras principales  
 Se sonó, / Cuando nuestro Díos nació".

(VICENTE, 1974, pp. 37-47)

Ressaltemos também o *Auto da Fé*, de Gil Vicente. Neste auto, o autor faz alusões à fé, à Paixão de Cristo, à cruz de Cristo, à Virgem Maria e o nascimento de Cristo, bem como a fé na Santa Igreja Católica, principal elemento do texto:

## Fé

Pastores, eu sam a Fé. (...) / Fé he crer o que não vemos,

Pela gl'ria que esperamos; / Amar o que nam compreendemos,  
 Nem vimos nem conhecemos, / Para que salvos sejamos. (...)  
 Fé he amar a Deos, só por elle, / Quanto se pode amar,  
 Por ser ele singular, / Não por interesse dele:  
 E se mais quereis saber, / Crer na Madre Igreja Sancta,  
 E cantar o que ella canta, / E querer o que ella quer. (...)  
 Aquella he a cruz preciosa, / Pera sempre esclarecida,  
 Pera os perigos desta vida, / E nau da salvação nossa.  
 O homem se chama Jesu, / Messias, o Rei, Salvador,  
 Deos e homem, Redemptor; (...) / He noite do nascimento,  
 Em que Deos mostrou seu dia. / He noite de gran memória,  
 Noite em dia convertida, / Escuridão consumida  
 Com gran resplendor de gl'ria: (...) / Oh noite favorecida  
 De memorável coroa, / Vista de Deos em pessoa,  
 Começando vida humana! (...) / Crede o santo nascimento,  
 Ser Deos de Virgem nascido, / Verbo de Deos concebido  
 Pero novo testamento. / E que a Virgem Gloriosa  
 Ficou tal como nasceo; / E sem dor appareceo  
 A nossa flor preciosa. / Deos em toda perfeição,  
 Homem pera padecer, / E tirar Lúçifer / Toda sua jurdição.  
 (VICENTE, 1974, pp. 88-92)

Diante do exposto, o homem cristão, conforme nos mostra Gil Vicente, tentou encontrar na fé e na Santa Madre Igreja, a salvação e espiritualidade, praticando assim, bons atos, arrependendo-se dos seus pecados; partindo em busca de uma vida santificada, principalmente em igrejas, mosteiros, cruzadas, peregrinações. Todos esses atos ou ações de vida exemplar, simbolizavam, no medievo e nas dramaturgias vicentinas, a caminhada para um encontro de paz com Deus; e ainda, a possibilidade de entender a si mesmo e de viver longe dos pecados mundanos, fora do alcance das tentações do Diabo, buscando fazer o Bem, para no além, gozar das virtudes divinas.

## Conclusão

Como bem vimos, falar da Idade Média e da atuação da Igreja Católica neste período, não é uma tarefa fácil. A Igreja cristã estabeleceu, durante toda a Idade Média e os séculos afins, uma conduta moral e espiritual muito adversa sobre o homem, a espiritualidade, a fé e os demais dogmas por ela difundidos. As difusões dos dogmas cristãos e dos movimentos espirituais efetuaram-se de modo muito rápido, tomando assim, grandes e complexas proporções. As orações, as missas, os sermões, as cantigas, os louvores aos santos, a Jesus Cristo e a Deus, bem como outras práticas de boas ações poderiam ser um possível caminho para a salvação e para estar em paz com Deus, com a vida e com a Santa Madre Igreja. Morrer sob a proteção da luz divina, na simplicidade, assim como morreu Jesus Cristo, por exemplo, era o objetivo de muitos devotos do Cristianismo na Idade Média. Assim dizia Huizinga (2015), sobre a Igreja Cristã e sobre os demais costumes criados e difundidos com vigor pelos clérigos e fiéis católicos:

A vida da cristandade medieval é, em todos os aspectos, permeada de imagens religiosas. Não há coisa ou ação em que não se procure estabelecer constantemente uma relação com Cristo e com a fé. (...) Nas Igrejas, ocorre uma multiplicação do número de práticas, conceitos e observâncias que, sem levar em conta a qualidade das idéias que os motivam, atemorizava os teólogos sérios. (...) Os sinais da misericórdia divina sempre a postos tornaram-se cada vez mais numerosos; além dos sacramentos floresciam de todos os lados as bênçãos; as relíquias se tornaram amuletos; a força da oração foi formalizada nos rosários, a colorida galeria dos santos ganhou ainda mais cores e vida. (...) Havia uma tendência a consagrar um ofício especial a cada um dos pontos de veneração da Mãe de Deus. Havia missas especiais posteriormente suprimidas pela Igreja, de devoção à Maria, das suas setes dores, do conjunto de festas marianas (...). Além disso, há ordens religiosas demais (...) e isso acaba levando a uma diversidade de costumes (...). (HUIZINGA, 2015, p. 250-251)

Diante do exposto, fica claro que, para o homem medieval, conforme preconizava os dogmas da Igreja Católica, todas as coisas eram sagradas: o mundo, a natureza, o corpo humano. Em nome de Deus e da Igreja, quase tudo era possível; o seu poder rompia barreiras, derrotava hereges, conquistava lugares, economias e

imperava com um ar de grandeza e soberania, firmando-se, apesar de todas as contradições, como uma grande instituição ao longo dos séculos.

## Referências

BAUMGARTNER, Mireille. **A Igreja no Ocidente: das origens às reformas no século XVI**. Trad.: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2001.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. Trad.: Maria Paula Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRASIL, Reis. **Gil Vicente e o Teatro Moderno**. Lisboa: Editorial Minerva, 1965.

CRUZ, Duarte Ivo. **Introdução à História do Teatro Português**. Lisboa: Guimarães Editores, 1983.

DUBY, Georges. **O Ano Mil**. Trad.: Teresa Matos. Lisboa: Edições 70, 1967.

HELLERN, Víctor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. **O Livro das Religiões**. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

**HUIZINGA, Johan. O outono da Idade Média. Tradução de Francis Petra Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2015.**

GOMES, José Francisco Silva. A Igreja e o Poder: representações e discursos. In: RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros (organizadora). *A Vida na Idade Média*. Brasília: Editora UNB, 1997.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Trad.: Hilário Franco Júnior. Vol. I. Bauru: EDUSC, 2002.

LINS, Ivan. **A idade Média: a cavalaria e as cruzadas**. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília, 1939.

PETERS, F. E. **Os Monoteístas: judeus, cristãos e mulçumanos**. Vol. II. São Paulo: Contexto, 2008.

PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1981.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **História do Teatro Português**. Lisboa: Portugália Editora, 1968.

PRATT, Oscar de. **Gil Vicente: notas e comentários**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1931.

REBELLO, Luiz Francisco. **História do Teatro Português**. 3 ed. Revista e aumentada. Coleção Saber. Lisboa: Publicações Europa- América, 1967.

RECKERT, Stephen. **Espírito e Letra de Gil Vicente**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

SARAIVA, José Antônio. **Gil Vicente e o fim do Teatro Medieval**. 3 ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1981.

\_\_\_\_\_. **Teatro de Gil Vicente**. 3 ed. Lisboa: Portugália Editora, 1967.

TEYSSIER, Paul. **Gil Vicente – O Autor e a Obra**. Trad.: Álvaro Salema. 2 ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e Ministério da Educação: Livraria Bertrand, 1985.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade da Idade Média ocidental: séc. VIII – XIII**. Tradução de Teresa Antunes Cardoso. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

VICENTE, Gil. **Obras Completas**. Com prefácio e notas do Professor Marques Braga. Vol. I, 5 ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas**. Com prefácio e notas do Professor Marques Braga. Vol. II, 4 ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1968.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas**. Com prefácio e notas do Professor Marques Braga. Vol. III, 2 ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1943.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas**. Com prefácio e notas do Professor Marques Braga. Vol. IV, 4 ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1971.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas**. Com prefácio e notas do Professor Marques Braga. Vol. V, 4 ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1968.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas**. Com prefácio e notas do Professor Marques Braga. Vol. VI, 3 ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1968.

Recebido em: 31/05/2018

Aprovado em: 20/07/2018